"CORREIO DE MACEIÓ" - 10/9/1966
ROSA E VERSO

O Marialva e o Libertino

JOSÉ CASADO SILVA

Durante a história da humanidade, cinco tipos fundamentais de organização social apareceram. Os manuais especializados descrevem e criticam cada um dêles em separado, revelando-lhes as leis fundamentais e ~~as leis fundamentais~~ respectivas características. Alguns dêsses livros nos advertem, porém, de que, como os elementos químicos na natureza, aquêles tipos de formação social não são encontráveis em estado puro. Dizemos de tal país que êle se encontra sob o regime capitalista ou sob o socialista. Mas isso significa apenas que nêle predomina o sistema de produção referido. É que, de modo geral, sobrevivem, em tôdas as sociedades, resquícios das relações de produção aí anteriormente existentes. De modo semelhante, elas abrigam, nos dias atuais, os germes das formas de relação de produção pelas quais serão substituídas no devido tempo.

O exórdio poderia parecer improcedente, de vez que estou-me propondo examinar não volume sôbre economia política, e sim obra de cunho nitidamente sociológico, com breves — mas significativas incursões naquêle campo, como no histórico. Parece-me, não obstante, que a História, a Economia e a Sociologia se assemelham em muitos pontos e que nenhuma delas é capaz de, sem auxílio das demais — e, talvez, de outras ciências ainda —, fornecer reconstrução e tentar interpretação aceitável de qualquer período ou fenômeno da vida de povo algum.

Dito isto, parece-me necessário explicar de imediato que o trabalho, intitulado Cartilha do Marialva, de José Cardoso Pires, cuja 2a. edição acrescida foi lançada, em maio dêste ano, pela Editôra Ulisseia, de Lisboa, trata das sobrevivências medievais no Portugal contemporâneo. Creio indispensável fornecer a seguir algumas informações acêrca do autor.

José Cardoso Pires, nascido em 1925, tem feito, em vários tempos, contribuições estimáveis para a prosa lusitana. Elas intitulam **Os Caminheiros e Outros Contos**, 1946, **Histórias de Amor**, 1952, **Jogos de Azar**, 1963, todos de contos; **O Anjo Incorado**, 1958, e **O Hóspede de Job**, 1964 (Prêmio "Camilo Castelo Branco"), romances; **O Render dos Heróis**, 1960, teatro. **Jogos de Azar** já foi por mim comentado (v. "Correio de Maceió" de 28|1|1965). **Cartilha do Marialva**, cuja primeira edição, de luxo, aparecida em 1960, fôra limitada a 400 exemplares, é um ensaio limpo, incisivo e brilhante, conquanto não exaustivo nem metódico. Não procurem nos dicionários a acepção com a qual o têrmo **marialva** é aqui usado. Nos escritos de José Cardoso Pires, êle não significa "bom cavaleiro", ~~em~~ mas se faz "relativo às regras de cavalgar à gineta, estabelecidas pelo marquês de Marialva", como vem, por exemplo, no **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa**. "Marialva — diz-nos o próprio ensaísta — é o antilibertin português, privilegiado em razão de Casa e Sangue (...). Socialmente (é) um indivíduo interessado em certo tipo de economia e em certa fisionomia política assente no irracionalismo!." Ainda convém esclarecer: no caso, **libertino** não tem senão secundária e ocasionalmente a conotação de "devasso; dissoluto; impudico; ímpio". Tal palavra designa em essência o indivíduo esclarecido, que se acha em dia com a ciência e a filosofia de sua época e professa opiniões políticas avançadas.

Marialva seria, no final de contas, o português não apenas conservador, mas também desejoso de uma restauração do passado lusíada. É o sebastianista fanático, o **honrado** que não quer ouvir as mulheres da família falar sôbre política, que acha ideal a situação presente do camponês de seu país, que se mostra contrário à erradicação do analfabetismo e que, sendo isso apenas na aparência contraditório com os demais traços de seu caráter, se gaba de ser um macho, de conquistar mulheres com facilidade e em grande número. Quanto a êsse particular, o autor precisa haver tal tipo se confundido com o de Don Juan, sob cujo nome, aliás, é apresentado, vez em quando, nesta ou naquela literatura, um personagem ostensivamente **machista.**

Nessas pouco menos de 200 páginas o autor demonstra ser observador objetivo e perspicaz de certas camadas da sociedade portuguêsa de hoje. Suas exposições são sempre documentadas com extratos de escritores lusitanos dêste ou dos séculos passados. Convém acentuar que isso lhe proporciona ocasião de fazer estudos sucintos, porém penetrantes, da essência e do espírito de mais de um prosador e poeta, desde D. Francisco Manuel de Melo, célebre autor da **Carta de Guia de Casados**, marialva "discreto", demorando, para citar apenas um, no provinciano Eça de Queirós, marialva que tentou passar por progressista, até Fernando Pessoa, em cujas linhas as duas tendências aparecem (era libertino, **verbi gratia**, quando assinava Alberto Caeiro, e marialva quando se firmava Ricardo Reis). São ainda considerados, entre outros, Júlio Dinis, Garrett e Teixeira de Pascoaes, em estilo de alta qualidade literária e do qual ressalta a funcionalidade, isto é, a perfeita adequação ao fim a que se destina. Alguns dos melhores comentários do livro versam sôbre a ficção de Roger Vailland, as cartas de Sóror Mariana, a história de Abelardo e Heloísa. Será bom deixar bem claro, no entanto, que não é de interpretação estritamente literária que o autor se ocupa. Seu objetivo é contribuir para causar mudança numa situação anacrônica; isso é tanto mais certo quanto menos êle esquece de documentar ou exemplificar seus assertos com fatos diversos extraídos de jornais recentes, com trechos de discursos de personalidades, com citações de livros sôbre questões práticas aparecidos não há muito.

Nação nova e jamais havendo tido o imperialismo como norma ostensiva de política externa, o saudosismo nos está vedado, mas é exato que determinados senões referidos na **Cartilha do Marialva** podem ser igualmente observados em algumas regiões do Brasil. Um dêles é a persistência com que certos setores dos grandes proprietários de terra vêm impedindo a alfabetização das massas agrícolas. Outro é a rígida separação entre as classes sociais. Um terceiro é a propensão de determinados círculos, cada vez mais flagrante, para divinizar os eventuais dirigentes do país. A leitura dessa obra é, portanto, de especial interêsse para nós.

Novamente um livro contribui para que renovemos nossa esperança no futuro das letras em Portugal. Futuro que para continuar, desenvolvendo-as, as melhores tradições do passado literário daquele país, terá de fazer jus, custe o que custar, às esperanças do povo português que, estou certo, aspira por paz autêntica, verdadeiro progresso e genuína liberdade.

Livros e correspondência: Rua Ouro Prêto, 33. Farol. Maceió — Alagoas. Brasil.